

FH considera oposição “lírica” e sem projeto

Em entrevista na TV, presidente diz que não vê adversários preparados para ser alternativa de poder

O presidente Fernando Henrique Cardoso usou boa parte da entrevista que deu ao programa *Juca Kfourri*, da CNT-Gazeta — transmitido na segunda-feira à noite —, para reclamar dos opositores de seu governo. “Nós não temos uma oposição que se prepare para ser alternativa de poder”, afirmou. “Nós temos uma oposição lírica”, acrescentou. “Ela fica girando em falso.”

Para Fernando Henrique, os partidos que levam o rótulo de esquerda “na verdade são uma concentração do atraso”. Segundo ele, a esquerda é otimista, progressista e quer avançar. “Esse pessoal não quer nada”, disse. “Nós não temos uma oposição real”, observou Fernando Henrique, numa referência a editorial do *Estado* de domingo. Dessa forma, na opinião do presidente, o adversário político “se desqualifica como freio do governo.”

Na entrevista, gravada no Palácio da Alvorada, Fernando Henrique também comentou que era favorável a uma consulta popular a respeito da emenda da reeleição. Ele contou que antes de a proposta ser aprovada pelo Congresso, propôs formalmente ao ex-prefeito Paulo Maluf e ao presidente do PPB, Espiridião Amin, que se empenhassem pela aprovação de uma consulta ou de um plebiscito. “Não toparam nada, porque se tivesse a consulta popular a tese da reeleição ganharia”, observou.

Motta — Fernando Henrique aproveitou a ocasião para defender o ministro das Comunicações, Sérgio Motta, acusado de intermediar compra de votos de

parlamentares para aprovar a emenda da reeleição. “Ele não tem nada a ver com esse episódio”, comentou. “Não houve nenhuma compra de votos por parte do governo federal.”

Durante a entrevista, Fernando Henrique reconheceu que o País vive um problema efetivo de disciplina em relação às Polícias Civil e Militar. Mas salientou que é preciso separar o joio do trigo. “Não é liquidar as forças militares como se elas fossem uma força de desordem”, ressaltou.

Agitadores — Pela análise do presidente, não foi a polícia, mas “um grupo de agitadores”, que promoveu a insubordinação policial em vários Estados. Nesse grupo, ele incluiu associações de cabos e sargentos e o PSTU —

partido de extrema-esquerda dissidente do PT. “Politizaram a questão”, afirmou. “Aí entra o PSTU, usam a bandeira da CUT (*Central Única dos Trabalhadores*) para tudo, o que é ruim para a CUT também, que fica parecendo que é baderna.”

O presidente, no entanto, admitiu que o estopim

das manifestações dos policiais foi a questão dos salários, em parte decorrente de distorções do serviço público. “É por isso que defendo a reforma administrativa”, frisou. “Os que têm privilégios, que são poucos, ganham tanto que impede que se melhore a situação dos muitos que ganham mal.”

Como exemplo, citou o caso de São Paulo, onde os coronéis da reserva ganham mais do que os que estão na ativa. “Vamos encaminhar essa questão com sabedoria, respeitando o que é respeitável”, disse. Fernando Henrique acrescentou que, pela Constituição, a polícia é uma questão dos Estados. “Eu não posso ultrapassar os meus limites, porque senão vem ditadura de novo”, observou.

PARA ELE,
ESQUERDA
“NÃO QUER
NADA,
DESQUALIFICA-
SE COMO FREIO
DO GOVERNO”